

VIAGEM AO NORDESTE BRASILEIRO POR VITORINO NEMÉSIO

Maria Márcia Matos Pinto
Universidade de São Paulo

Cidadão açoriano, cidadão português, cidadão do mundo. Este foi Vitorino Nemésio, homem de vasta cultura que, com olhar perspicaz e sensibilidade aguçada registrou suas passagens por diversas partes do mundo. Nas inúmeras viagens que realizou, a maioria delas em atividades universitárias, Nemésio anotou em cadernetas, os seus canhenhos, as percepções e os conhecimentos sobre os lugares que visitava. Por onde andava os trazia com ele; tinha uma espécie de obsessão de registrar tudo o que lhe chamasse a atenção. É o que se nota numa passagem de *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954), ao participar da procissão do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro: “Como puxei do canhenho para anotar estas coisas, quase não entendo o que escrevo. Só tenho cotovelos à bruta pressão lateral...” (p. 105).

Das suas visitas ao Brasil ficaram dois volumes de crônicas de viagens: *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, já mencionado, e *Caatinga e Terra Caída – Viagens no Nordeste e no Amazonas*, de 1968, além dos poemas brasileiros, que apareceram em diferentes publicações¹, e um ensaio histórico, *O Campo de São Paulo*, escrito em homenagem ao IV Centenário da fundação da cidade. Em todos esses escritos o que se revela é a riqueza de informações sobre a geografia, história e folclore do nosso país, dos quais Nemésio se revela profundo conhecedor. Ao pisar as nossas terras, ele já trazia uma ampla formação livresca sobre os mais diversos aspectos da cultura brasileira, sendo perceptível a influência que essas leituras tiveram sobre a sua visão do Brasil, caso este das obras de Gilberto Freyre e Euclides da Cunha, além das dos nossos poetas e romancistas. É curioso

¹ *Nem toda a Noite a Vida* (1953), onde se encontram os primeiros poemas brasileiros e os *Nove Romances da Bahia*, *Ode ao Rio (ABC do Rio de Janeiro)* (1965) e *Violão de Morro (...) seguido de Nove Romances da Bahia* (1968). “O Romancista da Bahia” também se encontra em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954), além do poema “No Cemitério de Santa Efigênia de Ouro Preto”. Há também uma publicação com o título de *Poemas Brasileiros*, de 1972.

também observar a variedade de imagens que ele vai registrando. São dados da paisagem local, do elemento humano, do modo de vida do nosso povo, que são captados pelo olhar cinematográfico do viajante e recriados através de uma linguagem que, na sua elaboração, faz-nos descobrir um Brasil que se enche de poesia.

Neste texto, procuraremos desvendar uma pequena parcela do olhar nemesiano para o nosso país. Trataremos aqui dos escritos sobre o Nordeste brasileiro reunidos no diário de viagem *Caatinga e Terra Caída*, já que, pelas limitações que se impõem a este trabalho, não seria possível sequer tratar do conteúdo total desse volume, que abrange não só a viagem ao Nordeste como também ao Norte.

O diário está dividido em duas partes: a primeira intitulada "Às Portas do Sertão", que trata do Nordeste, e a segunda, "Uma Montaria ao Amazonas", relativa ao Norte. Todas as entradas contêm datas, mas a cronologia é um tanto quanto caótica: às crônicas datadas do ano da viagem, 1958, intercalam-se outras dos anos de 59 e 60. Além disso, ao final da primeira parte, o autor inclui seis crônicas datadas de 65, referentes à vinda ao Ceará para recebimento do título de Doutor *honoris causa*, com uma breve passagem pelo Recife. No que diz respeito ao Norte, a grande maioria das entradas têm data do ano de 60, provavelmente a época em que ele teve a oportunidade de organizar as anotações. Contudo, há uma certa ordem de percurso, apesar de que são tantas as cidades pelas quais ele passa que só podemos seguir mais de perto o caminho pelos diferentes estados.

Destaca-se, no conjunto dos relatos, "uma atividade de captação impressionista da realidade"², como observou Margarida Maia Gouveia. Mais do que descrições objetivas da nossa história, geografia e sociedade, as crônicas são uma trajetória em que vão aflorando as impressões pessoais do autor, tendo em vista sua convicção de que Brasil e Portugal devem cultivar a identidade histórica e cultural que os aproxima, mantendo uma relação constante de

² Introdução à edição de *Caatinga e Terra Caída* que aparece como o vigésimo volume das *Obras Completas* do autor, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998, p. 23

intercâmbio em todos os níveis. Na sua visão, o português que conhece o Brasil entende melhor Portugal e vice-versa, sendo essa postura insistentemente reiterada em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*. A certa altura ele diz: “A afinidade e o paralelo orientam-nos a visão transatlântica de uma realidade histórica solidária” (p. 43). Isso explica a busca de traços comuns entre as duas culturas, que é freqüente nos seus diários brasileiros. No entanto, ele é consciente de que a arquitetura, a música, o culto religioso, o próprio modo de vida que ele aqui encontra não são meros produtos das realizações do colonizador. Mesmo que seus primeiros escritos não deixem isso claro, à medida que Nemésio vai conhecendo melhor nosso país, ele vai se dando conta da diversidade e da riqueza da cultura brasileira, bem como das diferenças que ela apresenta com relação à portuguesa.

Caatinga e Terra Caída abre-se com uma carta ao amigo brasileiro Odorico Tavares, a quem é dedicado. O que já fica evidente nessa abertura é a paixão que a Bahia suscitou no autor: “A Bahia de 58 – a que me fez bahiano, ao menos pela tábua de magias do nosso Jorge Amado, e em que Hélio Simões não menos magicamente me iniciou aliciando-me em Lisboa para mestre-escola de lá – devo-lha em muito, ouviu?” (p. 33). Essa paixão, porém, já tinha sido cantada nos *9 Romances da Bahia* e nas “Jornadas Bahianas”, que se encontram em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*. Talvez por isso, ou por motivo de a estada ter sido breve, no diário que ora nos ocupa há uma única crônica dedicada a esse estado – ou particularmente à cidade de Salvador.

Falando sobre a Bahia, os elementos que ele capta já demonstram traços bem específicos do ambiente brasileiro: o misticismo, o exotismo e a miscigenação. Assim ele inicia a crônica, datada de 30 de Junho de 1958, a primeira do diário:

É difícil achar terra com o sortilégio da Bahia. Estas palavras cansam, de puro repetidas, e até se lhes perde o sentido que tinham na fonte. “Sortilégio” é escolha de sortes: magia ou mandinga. Por esta última palavra responde uma das raízes bahianas: a raiz negra, ainda rija e vivaz num fundo de população apartado e endogâmico por um lado,

enquanto que pelo outro se foi combinando com genuíno sangue branco e com tudo o que ele traz de preferência.” (p. 37)

Ressoa, nessas afirmações, o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, de quem Nemésio era amigo e por quem tinha grande admiração. Nas anotações sobre Pernambuco, há várias menções ao ensaísta brasileiro, e a uma das crônicas ele dá o título de “Sobrados e Mocambos”.

Após as considerações relativas à Bahia, o autor vai fazer outras sobre o Nordeste de maneira geral. O que, a princípio, o deixou encantado foi a cordialidade com que se deparou em nossas terras, expressando tal sensação da seguinte forma: “E se milhões de brasileiros não chegam a sair de áreas curtas (mesmo que largas sejam) do seu país-Proteu, como há-de calar-se o estranho a quem uma hospitalidade fraterna abriu de par em par algumas das portas mais aferrolhadas do “mundão”?” (p. 41). Esse encantamento só vai crescendo ao longo da viagem, não se percebendo nas suas palavras qualquer tom de mágoa ou ressentimento devido a alguma dificuldade enfrentada, ou um tom de crítica negativa com relação ao novo modo de vida com o qual se depara. De fato, seu olhar é sempre positivo esteja ele diante de uma grande obra arquitetônica ou de um grupo de retirantes. Tudo acaba por revelar os valores mais elevados na elaboração literária do autor.

As crônicas seguem-se então tratando do Recife. Ao mesmo tempo em que trazem informações sobre a história da cidade e sobre a composição étnica da população, tendo por base principalmente o *Sobrados e Mocambos*, de Freyre, Nemésio traz observações sobre os costumes, o clima, os aspectos geográficos, que são não só comparados aos do Portugal continental como também aos de sua terra natal – os Açores. Como qualquer indivíduo diante do novo, ele se apóia no que é conhecido para tentar assimilar as novidades que lhe surgem. Como ele mesmo diz ao tratar da sua ida à região do agreste:

São 11h30 ao entrarmos na Zona do Agreste, transição ondulada da Mata para o Sertão. Agora sobe-se sempre, ao longo de boqueirões, a vasta Serra das Ruças, e, pelas tonalidades de verde sombrio, pelas

nuvens baixas de um tempo muito quente, emborralhado, o “Agreste” lembra-se – flora à parte – as pastagens das ilhas dos Açores. O homem, mesmo que busque o imprevisto, gosta de achar referências ao quadro natural onde cresceu. A mim, no Nordeste brasileiro, é sobretudo o milho que me naturaliza e comove: o milho com a sua espiga encamisada de verde, a sua folha em calha, as prumas do seu pendão. (p. 62)

O fato de ele ter nascido na ilha Terceira, vivendo lá sua infância e adolescência, ter então ido para Portugal, ter passado por vários países em missões culturais, amplia seus horizontes de comparação. Mas, o que se sobressai acima de tudo é a tentativa de encontrar no Brasil as raízes da cultura portuguesa para mostrar o quão estreitos são os laços entre os dois países.

Durante sua estada em Pernambuco, vai às cidades de Olinda e Caruaru. Esta última lhe causa grande impressão pela variedade de artigos oferecidos na famosa feira. Porém, seu maior interesse é pelas esculturas de Mestre Vitalino, o famoso santeiro pernambucano, a quem Nemésio já conhecia de nome, fazendo a seguinte observação sobre sua obra: “O barro cru sob o dedo *virtuoso* de Vitalino resiste ao sofisticado que a fama do escultor já lhe ameaça trazer. Movimento, detalhes, candura, vai tudo comigo na embalagem” (p. 67). Nesse comentário revela-se o encontro de dois artistas: o da palavra com o do barro.

A passagem por Pernambuco lhe traz à lembrança os amigos brasileiros cujas obras lhe introduziram o Nordeste – Gilberto Freyre, Álvaro Lins e José Lins do Rego – e, nas suas andanças, ele tenta confirmar o conhecimento que tem através dessas obras: “Assim, Caruaru sertaneja se une em costumes patriarcais aos troncos lusitanos de Pernambuco. Comunicarei o meu encontro a Gilberto Freyre, que sabe disto a podes, e a Álvaro Lins, que é daqui e se comoverá” (p. 66).

Seguindo a viagem, ele vai tratar do Ceará. Dois fatos merecem relevo com relação a esse estado. O primeiro é a história de amor, poeticamente contada por Alencar, entre Martim Moreno e Iracema. Curiosamente, essa história é retomada em várias das crônicas, em

algumas das quais Martim Moreno é chamado de Rômulo brasileiro. Na verdade, essa fascinação que Nemésio demonstra pelo romance entre a índia brasileira e o conquistador português não é mais do que uma forma de dar relevo ao passado comum de Brasil e Portugal, amenizando o lado cruel da colonização. Contudo, o autor dos diários não deixa de apontar a barbárie que envolve o processo colonialista. Como afirma em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*: “Toda a colonização tem sua página negra – até a do pardal melodioso!” (p. 49).

O segundo fato é a questão do flagelo da seca, o qual lhe chamou a atenção tanto pela leitura de *Os Sertões* como pelas notícias que chegam a Portugal sobre a tragédia. O que ele vai percebendo ao fazer a viagem de Fortaleza a Quixadá é que o Ceará não é sinônimo de seca, como acredita-se em Portugal. Ele constata que o estado é uma terra de contrastes, desde o clima até o desenvolvimento econômico, e que mesmo a região da seca tem os seus espaços de oásis. Devido a esses contrastes, Nemésio descobre uma cultura variadíssima no percurso pelas terras cearenses. Ele fala de curiosidades lingüísticas, da utilização da carnaúba, da vida de vaqueiros e retirantes, da fé religiosa, dos ditos que refletem a sabedoria popular. Nada escapa ao seu olhar atento, como pode ser observado pela descrição a seguir:

Junto do hotel da terra fica a ASSEMBLÉIA DE DEUS. Igreja protestante ou grupo de esotéricos? Não sei. Sei que o divino nome insinua um súbito convénio entre a profusão dos partidos que proclamam a giz e a zarcão a tipográfica variedade dos seus candidatos a vereadores e a prefeito. Um grande morro pelado com uma imensa cruz de pau é a Pedra do Cruzeiro, signo de Quixadá. Gente cristã, em suma, – e gente de trabalho e de futuro, que selecciona os gados, espreme o óleo à oiticica, aproveita a carnaúba, para lá da cera preciosa, até ao desfiado das fasquias, à graça dos chapéus e das bolsas, à cadeira botada na rua. (p. 114)

Nota-se nesse trecho, a passagem de uma imagem a outra como uma câmera captando diferentes detalhes da cena. Há uma construção lingüística ao estilo modernista em que os elementos do cenário são apresentados fragmentariamente misturados às impressões do autor.

Do Ceará Nemésio voltará a falar algumas páginas adiante, depois de ter tratado de Rio Grande do Norte e Maranhão. Na crônica datada de 20 de Abril de 1960, ele comenta o flagelo vivido pelo povo cearense, naquele momento não por causa da seca, mas por causa das incessantes chuvas que levaram ao rompimento da barragem de Orós. Nesse ponto, ele relembra os contrastes observados nas terras brasileiras, acentuando-os num parágrafo cheio de imagens poéticas:

Este triste episódio das cataratas do céu desabadas, a ponto de rebentarem com as barragens, é o reverso da med alha que o sertanejo traz ao peito. O destino condecorou-o à nascença com a cruz da esterilidade. Mas não se trata de uma aridez desértica, como a do Saará e do Harrar. No Nordeste do Brasil a terra é alternadamente verde e devastada. Mimosa como poucas nos escassos meses de chuva, a estiagem faz dela uma savana coberta de galhada. (p. 142)

Ele ainda se ocupará do estado em outras três crônicas de 65 para fazer comentários sobre alguns eventos ocorridos na viagem daquele ano.

Voltando aos relatos datados de 58, depois de falar do Ceará, ele narra a breve visita que fez a Natal, contando um pouco da história e dos aspectos paisagísticos locais. Entre as duas crônicas dedicadas à cidade, ele insere uma outra, esta do ano de 59, na qual há importantes reflexões sobre a terra e a gente brasileiras. Um dos fatos interessantes é o de que, por mais que ele procurasse identificar Brasil a Portugal, ele acaba por descobrir que há aspectos que impedem qualquer comparação. Assim ele diz: “É um mundo novo e virgem que se estende sem fim; a sua uniformidade empolga - nos e engana. Se tudo parece igual à vista do avião planando, o contacto de terra ensina-nos o especial e o diferente” (p. 121). E não só o espaço é diferente; o povo nordestino, conforme Nemésio o vê, também se diferencia do português, mesmo o que vive no Brasil. Ao emigrante empreendedor e ambicioso contrapõe-se o caboclo acomodado e resignado ao seu destino:

Estes caboclos que passam com molhos de lenha à cabeça pareceriam infelizes a uma consideração progressista. São-no a essa luz, talvez. Mas enquanto lhes não levam a lenha à porta, em camiões, têm a disponibilidade magnífica da fogueira doméstica do pirão e da carne

do Ceará. “Cadê-tempo?”, a fórmula proverbial da sua ociosidade, é realmente também o autêntico perfil do seu cuidado, da sua tensão à existência. Passam em fila indiana com uns farrapos no corpo, e ninguém lhes descobre sombra de inquietação.

Inquieto era, por aqui, Cláudio Manuel Machado, que não dizia “cadê-tempo” para cultivar abacaxi, como bom português roído da clássica ambição de ganhar mundos e fundos. [...] Hoje, Carnaubinho, um verdadeiro condado de matas de carnaúba –, pau para toda a colher –, é dele ou de herdeiros dele. (p. 122, 123)

Depois do Rio Grande do Norte, os relatos são sobre a passagem pelo Maranhão. Como havia feito antes, ele conta um pouco da história do estado, ressaltando as influências francesas e portuguesas, que se tornam especialmente visíveis na arquitetura de São Luís.

Fechando as crônicas do Nordeste, há, como já mencionamos, aquelas sobre a viagem de 65 ao Ceará e a passagem pelo Recife. A essa cidade ele vai dedicar as três últimas entradas, mostrando um carinho especial por ela, já que lá deixou vários amigos.

Sem dúvida alguma, os escritos de Vitorino Nemésio sobre o Brasil são uma grande contribuição para se conceber um retrato mais definido da nossa formação histórica, étnica e cultural. Há neles informações referentes, por exemplo, à nossa história que muitos estudiosos desconhecem. Há, contudo, um ponto que pode causar certo incômodo ao leitor brasileiro – a insistência do autor em procurar elementos que nos identifiquem a Portugal. Não se pode negar que a visão de Nemésio é a do português com uma formação tradicional (fez parte de seus estudos em Coimbra, terminando-os em Lisboa) e com toda uma história ligada aos meios intelectuais portugueses. A fascinação por nossa terra, que era anterior mesmo à sua primeira viagem a este país, se mistura, portanto, a essa bagagem intelectual de fundo europeu como um todo. Entretanto, é importante frisar que em nenhum momento ele deixa margem a admitir-se qualquer superioridade portuguesa. Muito pelo contrário, as descrições, repletas de poesia, só acrescentam valor à nossa cultura.

Um outro ponto, que deve incomodar os mais politicamente engajados, é o fato de Nemésio se eximir de tratar de questões políticas. Ele não se prende a discussões ideológicas

e não faz qualquer julgamento de valor sobre o mérito dos governantes brasileiros. O que emerge das suas palavras é um encantamento que sempre o leva a ver o Brasil pelo lado positivo e a isentar-se de fazer uma crítica mais contundente sobre os problemas do nordestino ou a pobreza dos favelados do Rio de Janeiro, que lhe inspirou alguns belos poemas³. Como diz Maria Hele na Garcez: “Seu olhar contempla amorosamente o que disso [da emigração] resultou e seu balanço quanto ao Brasil índio, português e negro é deslumbrado, apesar de consciente das perdas e danos, dos gastos e custos, das dores vividas por todas as partes”⁴.

Apesar desses pontos, a obra de Nemésio não deve ser relegada ao esquecimento, pois, além de ser fonte inestimável de informações sobre o nosso país, revela um valor artístico digno das grandes obras do século XX. A leitura compensa qualquer incômodo que o olhar português possa causar.

BIBLIOGRAFIA:

- GARCEZ, M. H. “A Bahia de Vitorino Nemésio”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, nº. 31, p. 5-16, Jan./Jun., 1998.
- NEMÉSIO, V. *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1954.
- *Caatinga e Terra Caída – Viagens no Norte e no Amazonas*. 2.^a ed. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

³ Estes poemas encontram-se em *Ode ao Rio (ABC do Rio de Janeiro)* e *Violão de morro (...) seguido de Nove Romance da Bahia*.

⁴ Garcez, M. H. “A Bahia de Vitorino Nemésio”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, nº. 31, p. 5-16, Jan./Jun. 1998.